ISSN: 2358-8829

AMBIENTE ALFABETIZADOR E RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alice de Cássia Castro Rodrigues [1]
Diogo Ávila Barreto Pereira [2]
Helena Furtado Pinheiro [3]
Lorrane Costa Valentim [4]
Ravel Pereira Igor de Sá [5]
Solange Pereira da Silva [6]

Resumo
Este artigo aborda a importância da elaboração de ambiente alfabetizador sob a perspectiva da educação antirracista, para a valorização da cultura africana e afro-brasileira no contexto escolar. Trata-se de um relato de experiência, produzido a partir da realização de uma oficina pedagógica com acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Marajó-Breves. O texto tem como objetivos, descrever e analisar as estratégias de organização da oficina sobre ambiente alfabetizador na perspectiva da educação antirracista e promover discussões para combater o racismo e o preconceito na sala de aula. Para a fundamentação do texto, utilizou-se estudos de autores como Ribeiro (2019), Soares (2020), Carneiro e Russo (2020), Gonçalves (2021), Munanga (2004), Almeida (2019) e Saviani (1999) que traçam reflexões sobre o tema e a importância da escola enquanto espaço de construção do conhecimento sistematizado, sendo, a alfabetização e letramento nos anos iniciais, essenciais para discutir sobre raça, racismo e identidade de forma permanente. A metodologia adotada foi a abordagem qualitativa e descritiva, e as atividades realizadas incluíram o uso de elementos como combinados, numerais representados por diferentes tons de pele, a construção do AFROBETO e a elaboração de chamadinhas. O objetivo dessas atividades foi promover a representatividade e desconstruir estereótipos raciais no ambiente educacional. Os resultados indicam que a inclusão de materiais didáticos que abordem a diversidade étnico-racial fortalece a identidade dos alunos e favorece a construção de um ensino baseado nas relações entre diferentes etnias. Além disso, observou-se um impacto positivo na autoestima dos participantes negros, que passaram a se reconhecer nos recursos pedagógicos utilizados. Portanto, conclui-se que a criação de um ambiente alfabetizador antirracista é essencial para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e socialmente transformadora, demandando um compromisso contínuo dos educadores na implementação dessas práticas pedagógicas.
Palavras-chave: Educação Antirracista, Ambiente Alfabetizador, Representatividade, Inclusão

[1] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, alice.rodrigues@breves.ufpa.br;
[2] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, avaliadiogo123@gmail.com
[3] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, helenafp12@gmail.com
[4] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, valentimlorrane6@gmail.com
[5] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, raveligor53@gmail.com.
[6] Professora orientadora: Doutora em Educação da UFPA. Professora da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, do Campus Universitário do Marajó Breves. Professora Coordenadora de Área – do Programa de Iniciação à Docência UFPA. Polo de Breves. e-mail; solangesilva@ufpa.br

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A educação brasileira, historicamente, tem enfrentado desafios relacionados à valorização da diversidade étnico-racial. A omissão de saberes e culturas de povos negros no currículo escolar perpétua desigualdades e estereótipos, reforçando a exclusão histórica e a marginalização desse grupo. No Brasil, onde a estrutura educacional ainda silencia ou subalterniza a história e a cultura afro-brasileira, a escola ensina frequentemente a ler e a escrever, mas não ensina a se reconhecer.

Nesse contexto, a criação de ambientes alfabetizadores em uma perspectiva antirracista, constituem-se como uma estratégia essencial para promover representatividade, respeito às identidades culturais e o combate ao racismo estrutural, que atravessam desde a primeira infância o universo das crianças negras. O racismo, conforme Almeida (2019, p.41) "constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional [...]". De acordo com Bersani (2018) racismo estrutural é:

> Um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaços nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado. (Bersani, 2018, p.380-381).

Sob essa perspectiva, como Bersani (2018) aponta, a opressão vai além das instituições e permeia todos os aspectos da vida, abrangendo a rede de ensino, moldando as relações sociais a ponto de parecer natural. É justamente a definição de racismo, como um sistema estrutural que sustenta desigualdades e se disfarça de normalidade. Ademais, os processos de alfabetização, quando dissociada de um compromisso antirracista, torna-se um processo excludente, que perdura essas desigualdades e reforça a marginalização de saberes não eurocêntricos.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo, descrever e analisar as estratégias de organização de uma oficina sobre o ambiente alfabetizador na perspectiva da educação antirracista, além de promover discussões que visem combater o racismo e o preconceito em sala de aula, contribuindo para a reflexão e formação de futuros professores mais sensíveis e preparados para a diversidade.

METODOLOGIA

ISSN: 2358-8829

O proposto estudo adota uma abordagem qualitativa com caráter descritivo, pois segundo Gil (2008), as pesquisas deste caráter têm como principal objetivo observar, registrar e analisar fenômenos sem interferência direta do pesquisador, permitindo a compreensão das características de determinados grupos ou contextos. Esse tipo de abordagem é apropriado quando se pretende relatar experiências e identificar padrões ou relações, como no caso da oficina pedagógica voltada à construção de um ambiente alfabetizador antirracista.

A coleta de dados foi realizada a partir da oficina "Ambiente Alfabetizador e Educação Antirracista", conduzida por discentes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) campus Marajó-Breves, no âmbito da disciplina Alfabetização, Linguística, Letramento Escolar e Gêneros Discursivos, tendo como tema a criação de um ambiente alfabetizador, incorporando os seguintes elementos: combinados, numerais com representações de diferentes tons de pele e a construção do AFROBETO.

A oficina teve como enfoque a utilização dos recursos do ambiente alfabetizador nas atividades desenvolvidas pelo professor durante as aulas, seu uso como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, com o intuito não apenas de ser um elemento visual para a sala de aula, mas para também despertar a curiosidade e o interesse nos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se fundamentou nos trabalhos de Ribeiro (2019), Soares (2020), Carneiro e Russo (2020), Gonçalves (2021), Munanga (2004), Almeida (2019) e Saviani (1999) que traçam reflexões sobre importância da escola enquanto espaço de construção do conhecimento sistematizado, sendo, a alfabetização e letramento nos anos iniciais, essenciais para discutir sobre raça, racismo e identidade de forma permanente.

A criação de um ambiente alfabetizador na perspectiva antirracista é uma escolha pedagógica intencional, tornando a sala de uma um espaço educativo para refletir a diversidade ressignificar os elementos tradicionais que caracterizam a sala de aula, como aqueles listados por Gonçalves (2021) como, calendário, alfabeto ilustrado, chamadinha, cartazes de números, biblioteca de classe, entre outros.

Deste modo, esses materiais deixam de ser meramente decorativos para se tornarem ferramentas ativas em metodologias de ensino focadas no enfrentamento ao racismo estrutural e na promoção da representatividade.

ISSN: 2358-8829

Ribeiro (2019) enfatiza que o racismo é um problema estrutural e não basta somente declarar-se antirracista, é preciso adotar uma postura socialmente ativa em seu combate. A autora indaga com a seguinte questão: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? No campo da pedagogia, a oficina apresenta no relato trará a resposta na prática para essa pergunta.

À luz das contribuições de Soares (2020) a articulação entre alfabetização e letramento é fundamental para que a aprendizagem do sistema de escrita (alfabetização) ocorra de forma integrada ao seu uso funcional em práticas reais (letramento). Dessa forma, o conceito de alfaletra trazido pela autora, ultrapassa a mera decodificação e codificação, visando à formação de leitores e escritores competentes e capazes de agir ativamente na sociedade.

Carneiro e Russo (2020), argumentam a presença da diversidade étnica no ambiente escolar como um fator essencial para o desenvolvimento infantil. Para os autores, essa representatividade fortalece a identidade, a autoestima e a autovalorização, promovendo a autoconfiança de crianças que dificilmente se veem retratadas nos recursos que os cercam. Nesse sentido, ao proporcionar elementos que permitam uma identificação positiva, a escola contribui diretamente na construção de uma relação saudável da criança com sua própria imagem e a imagem do outro.

Munanga (2004) parte da premissa de que o conceito de “raças sociais” oculta uma estrutura de poder e dominação, a proposta da oficina visa desconstruir essa noção desde cedo. Ao utilizar um ambiente alfabetizador rico em representatividade, fomenta o respeito e a empatia como ferramentas para combater a perpetuação de preconceitos.

Almeida (2019) traz a definição de racismo estrutural como “complexo imaginário social” que permeia instituições incluindo a educacional. Dessa forma, propõe-se que a sala de aula deve se tornar um espaço de contraponto consciente, sendo essa oficina uma abordagem pedagógica essencial para garantir representatividade e respeito às identidades, desconstruindo os efeitos do racismo que atravessa o universo das crianças negras desde cedo.

Ao ressignificar a forma de trabalhar os conteúdos que valorizem a cultura e identidade dos povos africanos, prepara as crianças para a plena participação social e política. Reflete a premissa de que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam” (Saviani, 1999, p. 66). A prática, portanto,

ISSN: 2358-8829

evidencia que a luta contra a marginalização escolar passa pela transformação de conteúdos curriculares em ferramentas de afirmação identitária e libertação.

Vale ressaltar a escassez de artigos que abordam a intersecção entre ambiente alfabetizador e a perspectiva antirracista, indicando que a presente pesquisa pode se configurar como um estudo pioneiro na área. A estrutura desse artigo, portanto, baseia-se em uma análise crítica dos dados coletados. Para uma melhor compreensão do tema, este trabalho foi organizado em um único tópico, que detalha relato de experiência e a análise dos resultados.

RELATO DE EXPERIÊNCIA E A ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para iniciar esse relato, é fundamental compreender que a criação de um ambiente alfabetizador pode pautar-se dentro de uma perspectiva antirracista, pois ao integrar essa concepção, garante que o espaço educativo reflita a diversidade da sociedade. Nesse contexto, as crianças são incentivadas a refletir sobre respeito, diversidade cultural e a importância de combater o preconceito. São representadas nos livros didáticos, nas imagens, nos elementos que caracterizam um ambiente alfabetizador:

> [...] calendário, alfabeto ilustrado, chamadinha com nome dos alunos - ilustrada ou não, os números com representação das quantidades equivalentes, atividades dos alunos e outros, mini biblioteca, cantinho de leitura, ou simplesmente livros, revistas e gibis ao alcance das crianças. (Gonçalves, 2021, p. 13).

A partir deste viés, os materiais didáticos são utilizados de forma ativa no processo de ensino, indo além de uma função decorativa. A intenção é desenvolver metodologias que enfrentem o racismo estrutural e promovam a representatividade no ambiente escolar.

Desse modo, a oficina foi realizada no âmbito do componente curricular de Alfabetização, Linguística e Letramento Escolar, ministrado pela docente responsável, Profa. Dra. Profa. Solange Pereira da Silva, teve como tema a criação de um ambiente alfabetizador na perspectiva das relações étnicos raciais, incorporando elementos como: combinados, numerais com representações de diferentes tons de pele e a construção do “AFROBETO”, reunindo neste momento 28 discentes do curso de pedagogia e 5 crianças, sendo estas últimas as protagonistas das práticas desenvolvidas.

ISSN: 2358-8829

Para dar início ao encontro, a acolhida foi conduzida por meio da dinâmica “Mingau”. Nela, os participantes, ao som de um número anunciado, formaram grupos rapidamente exercitando a percepção numérica, a agilidade e a cooperatividade. Para esta atividade foi utilizado o recurso didático com numerais, um dos elementos do ambiente alfabetizador que facilitou a compreensão da quantidade necessária para a formação dos grupos.

Imagem 01 - Recurso dos numerais.

Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

No momento seguinte, foi produzida uma música para a acolhida, que retratava sobre o respeito, o bom convívio e gestos de boas maneiras, sendo o ponto de partida para o início da discussão e reflexão dos pontos destacados no recurso pedagógico dos combinados, outro material criado com significativos elementos de representatividade.

Imagem 02 - Recurso dos combinados criado pelo grupo.

Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

ISSN: 2358-8829

A criação do ambiente alfabetizador fundamentou-se na aplicação de uma perspectiva antirracista na escolha dos materiais e recursos pedagógicos. Nesse sentido, a seleção dos elementos visuais e recursos didáticos foram minuciosas a fim de valorizar a cultura afrodescendente e figuras históricas negras, de modo a refletir a diversidade étnico-racial. Desse modo, a oficina foi estruturada com atividades que objetivaram não somente o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas também a reflexão crítica sobre o racismo e as desigualdades raciais presentes na sociedade.

Segundo Gonçalves (2021), o ambiente alfabetizador é um dos aspectos relevantes e influenciadores no processo de alfabetização e letramento, nesse ótica, quando construído dentro de uma perspectiva antirracista, observamos através das atividades realizadas na oficina de como a inclusão da diversidade contribuiu para a valorização e representação individual na aprendizagem do sujeito.

Mediante a isso, na realização da oficina foram utilizados como referência para constituir o ambiente alfabetizador, o primeiro elemento adaptado, o "AFROBETO", que consistiu em trazer figuras negras alinhando com cada letra-grafema do nosso alfabeto, como apresentado a seguir:

Imagem 03 - Afrobeto.

Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

A atividade com o alfabetário antirracista constituiu o ponto culminante da oficina, momento em que se evidenciou a importância da representatividade nos materiais pedagógicos. Durante a leitura coletiva do recurso, os participantes foram instigados a reconhecer as figuras históricas, como uma prática para suscitar o letramento racial crítico e o debate acerca da construção de narrativas sobre os personagens.

ISSN: 2358-8829

De acordo com Soares (2020), unir a alfabetização e letramento garante que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorra em práticas sociais reais. Enquanto a alfabetização ensina o sistema de escrita, o letramento desenvolve seu uso funcional. Assim, Alfaletrar significa formar leitores e escritores competentes, capazes de interagir ativamente na sociedade.

Nesse processo, a manifestação de uma das crianças durante a apresentação da letra "V", associada ao jogador de futebol Vinícius Júnior, teve destaque, o menino expressou sua admiração pelo atleta, a quem enxergou como inspiração, finalizando sua fala com: "...e ele é igual a eu!". Este momento se materializa o que apontam Carneiro e Russo (2020):

> A presença de diferentes etnias no ambiente escolar amplia o reconhecimento da identidade, da autoestima, da autovalorização e do "empoderamento" infantil para as crianças, que dificilmente se veem representadas nos recursos existentes em seu universo. Além disso, os elementos que contemplam a diversidade étnica proporcionam a identificação positiva e permitem a construção dessa autoestima, para que as crianças tenham um bom relacionamento tanto com a sua auto imagem quanto com a imagem do outro. (Carneiro; Russo, 2020, p. 107).

Este acontecimento evidenciou o potente impacto da representatividade na constituição da identidade e da autoestima infantil. Ao se identificar com a figura de Vinícius Júnior, o discente expressou um senso de pertencimento e validação, fundamental no processo de aprendizagem. E, especialmente no contexto do alfabetário antirracista, contribui para a construção de uma percepção mais ampla e positiva da diversidade e identidade dos sujeitos nesse processo de aprendizagem.

Dessa forma, a utilização do Afrobeto ensina o alfabeto, que é um conhecimento historicamente sistematizado e essencial, mas o faz de uma maneira que valoriza a cultura e a história do povo negro, preparando desde a infância as camadas populares com os conteúdos culturais indispensáveis para sua futura participação política e social. Conforme Saviani (1999):

> [...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (p. 66).

Deste modo, a oficina trouxe como um exemplo prático de como é possível lutar contra a marginalidade dentro da escola, não abandonando os conteúdos essenciais, mas se apropriando deles para transformá-los em ferramentas de afirmação, identidade e de libertação.

ISSN: 2358-8829

A realização desta oficina provou a possibilidade de trabalhar questões antirracistas desde os anos iniciais, de forma a contribuir diretamente na base da formação de sujeitos. Como afirma Ribeiro (2019), não basta afirmar-se antirracista, mas tem que ser ativo no combate, e a oficina respondeu ativamente ao construir materiais e metodologias para enfrentar o racismo estrutural e promover a representatividade no ambiente escolar.

Nesse sentido, a oficina traz uma nova lente para a construção de um ambiente alfabetizador, reunindo elementos carregados de representatividade e promoção ao respeito e a empatia ao próximo, desconstruindo desde cedo nas crianças a existência de "raças sociais", que, segundo Munanga (2004) esconde por trás uma relação de poder e de dominação que alimentam o racismo.

A partir desta compreensão, a oficina, ao criar numerais com diversos tons de pele e um e Afrobeto, recusa a ideia de uma norma racial e, na prática, ensina às crianças que a diversidade humana é a questão. Não se tratando do "negro" e "branco" como categorias biológicas, mas como identidades sociais e culturais que merecem representação positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou por meio do relato de experiência e análise de uma oficina pedagógica, a possibilidade da construção de ambientes alfabetizadores sob uma perspectiva antirracista. A experiência revelou que a ressignificação de materiais didáticos tradicionais, como o alfabeto e os cartazes de numerais, é uma estratégia poderosa para combater a subalternização das identidades negras no espaço escolar.

A criação de recursos que valorizam a diversidade étnico-racial mostrou-se uma prática pedagógica transformadora. A reação de uma das crianças participantes, ao se identificar com a imagem de uma personalidade negra, concretiza a importância da representatividade, evidenciando como a identificação positiva é essencial para a construção da autoestima e do sentimento de pertencimento, elementos fundamentais para o sucesso do processo de aprendizagem.

A oficina apresentou uma forma prática e ativa de como o combate ao racismo pode ser incorporado ao cotidiano escolar. Ao articular a aprendizagem do sistema de

ISSN: 2358-8829

escrita com a promoção da consciência racial, a prática pedagógica descrita prepara as crianças não apenas com o código escrito, mas com ferramentas para uma leitura crítica do mundo, reforçando a ideia de que dominar o conhecimento é uma condição para a libertação.

Portanto, a luta antirracista na educação ocorre nas escolhas intencionais pedagógicas. A formação de professores sensíveis e preparados para a diversidade é um caminho crucial, e a construção de ambientes alfabetizadores antirracistas é uma ferramenta essencial para garantir que a escola cumpra seu papel de formar cidadãos conscientes e críticos. Este trabalho incentiva que mais educadores se engajem nesses debates para transformar suas salas de aula em espaços de afirmação e valorização de todas as identidades.

REFERÊNCIAS

BERSANI, Humberto. **Racismo estrutural e o direito à educação.** Educação em Perspectiva, Viçosa, MG, v. 8, n. 3, p. 380–397, 2017.

CARNEIRO, Carolina Zolin; RUSSO, Maria José de Oliveira. **A criança negra e a representatividade racial na escola.** Cadernos de Educação, v. 19, n. 38, p. 105-26, 2020.

GONÇALVES, Maria Aurilene Ferreira. **O ambiente alfabetizador no processo de alfabetização e letramento**: o que as produções acadêmicas revelam. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** 32 ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 201